

PRODUTOR: Emissora Nacional RDP

Nº. de referência: 1

Título: "A PROGRESSÃO GEOMÉTRICA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): FERREÃO, FERNANDO DE ABRANCHES

Adaptador: ?

Realizador: BUSIÃO, FERNANDO

Locutor: ?

Data de produção: 23/12/1974

Data de Emissão: 31/12/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
BENJAMIM FERREÃO	SOLDADO A
MÁRIO SARGEDAS	" B
ANTÓNIO MONTEZ	CEGO
JOAQUIM ROSA	GUARDA I
ANGELA RIBEIRO	RAPARIGA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Peus

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

- DR. FERNANDO GUSMÃO
ARTÍSTICA

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS

PROGRAMA N.º 1667

PROGRAMA 1.º

DATA DE ENTREGA 23 DEZ 1974

EMISSÃO DE 6/1/75

PEDIDO DE GRAVAÇÃO

A GRAVAR EM 3/1/2/74

16-30 HORAS

VISTO

HORA 1000

A PROGRESSÃO

NÚMERO DO PEDIDO GEOMÉTRICA DE GRAVAÇÃO

E. J.

Obra

de

FERNANDO DE ABRANCHES FERRÃO

PERSONAGENS

- Soldado A
- Soldado B
- Guarda I
- Guarda II
- Soldado
- Cego
- Rapaziga

Quadro I

Uma estrada, onde tudo se passará até ao fim. Amanhece. O fundo (simples talão branco que irá sendo iluminado a cores diferentes) é, agora, uma claridade esverdeada. Uma arvore descarnada, que florirá mais tarde, e, mais tarde ainda, terá frutos de aço, destaca-se em negro sobre o fundo. À esquerda algumas pedras de um muro destruído. Dois soldados, com espingarda e tudo o que é preciso para fazer de um homem um soldado. Um - O SOLDADO A - faz os cem passos. Outro - O SOLDADO B - está sentado sobre as pedras do muro.

- SOLDADO A - (Esfrega as mãos com frio e anda batendo com os pés)
Tu não tens frio ?
- SOLDADO B - Estou gelado !
- SOLDADO A - Pois ! Estás p'rai sentado ha que tempos ! Põe-te em pé que sempre fazes correr o sangue.
- SOLDADO B - Dá o mesmo. Fico menos gelado mas fico cansado. Prefiro o frio .
- SOLDADO A - Que horas são ?
- SOLDADO B - 6 horas. Está a nascer o dia .
- SOLDADO A - 6 horas ! Desde a meia noite que estamos p'raqui a gelar !
- SOLDADO B - E no fim de contas, para quê ? Não ha inimigos deste lado, ninguem passa nesta estrada ! Realmente não estamos a guardar coisa nenhuma !

- SOLDADO A - Que sabes tu disso ? Foi o comandante que mandou guardar a estrada .
- SOLDADO B - Pois claro ! O comandante quer a estrada guardada. Mas somos nós que a guardamos.
- SOLDADO A - Vê-se bem que não tens alma de soldado !
- SOLDADO B - O que é isso de alma de soldado ? Sou um homem vestido de soldado, mais nada. O frio que tenho é no corpo, não é na farda.
- SOLDADO A - Mas vens ou não vens fazer os cem passos ? Já acabei a minha meia hora . Agora és tu .
- SOLDADO B - (Lev. e indo-se com vagar e mau modo) - Lá vou! (Põe a espingarda como os regulamentos mandam e inicia o passeio)
- SOLDADO A - (Sert. e no lugar que o SOLDADO B ocupava, tira a espingarda, desaperta-se, estende as pernas) - Ah ! Rico passeio, não haja dúvida !

O SOLDADO B, depois de ter percorrido duas vezes a cena, pára em frente do SOLDADO A e começa, em silencio mas decidido, a tirar a espingarda e a desapertar-se).

- SOLDADO A - Não fazes os cem passos ?
- SOLDADO B - Não ! Por hoje basta !
- SOLDADO A - Basta ? Qual basta ? É preciso fazer os cem passos até que nos venham render .
- SOLDADO B - Não. Para mim acabou, isso dos cem passos. Estou cansado.

- SOLDADO A - Homem ! Não te entendo !
- SOLDADO B - Se não me entendes, pior p'ra ti . É porque a farda te entrou p'ra dentro .
- SOLDADO A - Ainda arranjam os algum sarilho se passa aí o sargento e nos vê ambos parados !
- SOLDADO B - Deixa arranjar !

(Um tempo. O SOLDADO B senta-se numa pedra ao lado do SOLDADO A. De repente, como se a pergunta fosse uma coisa importante que ha-de dar novo rumo à conversa, volta-se para o SOLDADO A)

- SOLDADO B - E para que ~~hai-de eu~~ fazer os teus cem passos ?
- SOLDADO A - Hom'essa ! Porque é do regulamento !
- SOLDADO B - Conhece-lo bem, o teu regulamento ?
- SOLDADO A - Talvez não o conheça muito bem, mas o que sei é bastante !
- SOLDADO B - Bastante para quê ?
- SOLDADO A - Bastante para mim !
- SOLDADO B - Queres dizer que fazes os cem passos porque vem no regulamento. Mas sabes, ao menos, porque é que o regulamento diz para se fazerem cem passos ?
- SOLDADO A - Sei que quero que não me lixem com castigos e que me deixem em paz. Faço o que vem no regulamento e quero que tenham muita saúde !
- SOLDADO B - Desde que te deixem em paz, fazes os cem passos !
(Encolhendo os ombros) Está bem ! Vai lá fazer os teus cem passos, para não te lixarem !

- SOLDADO A - (Levanta-se de má vontade e começa a preparar-se) - É que se passa o sargento e nos vê aos dois sentados, ainda apanhamos alguma porrada ambos !
- SOLDADO B - Não te rales com a porrada que eu apanhar .
- SOLDADO A - Não ralo, não . Mas vai lá convencer o sargento de que era a minha vez de estar sentado ...
- SOLDADO B - Isso não vem no regulamento ?
- SOLDADO A - Não sei se vem ou não vem . Só sei que não estou p'ra me lixar.
- SOLDADO B - Então ... passeia .

(O SOLDADO A inicia os cem passos, de má catadura e em silencio. O SOLDADO B acomoda-se nas pedras o melhor que pode)

- SOLDADO B - Mas afinal, o que diz o teu regulamento ?
- SOLDADO A - A respeito de quê ?
- SOLDADO B - A respeito dos cem passos.
- SOLDADO A - (Irritado) - Diz que quando se está de guarda fazem-se cem passos para um lado, depois cem passos para o outro lado, depois cem passos para cá, depois cem passos para lá, até nos virem render.
- SOLDADO B - (Com um desdém evidente) - Não se vai longe, com esse caminhar ...
- SOLDADO A - Longe ou perto, não me interessa. Não quero ir nem longe, nem perto, nem a parte nenhuma. Só quero não ser lixado e que não me chateiem.
- SOLDADO B - Como um porco .
- SOLDADO A - Como um porco ou como tu quiseres .

(O SOLDADO A continua a andar. Um tempo)

- SOLDADO B - E nunca tiveste curiosidade de saber porque é que o regulamento manda fazer os cem passos ?
- SOLDADO A - Estou-me nas tintas p'ro porquê as coisas são. O que quero é que nos venham render para me esticar ao comprido na tarimba.
- SOLDADO B - Então, vou-te dizer porque é. Fazes cem passos para cá, e outros cem para lá, e depois outra vez para cá e para lá, e para cá. e para lá, durante uma hora ou lá quanto é - para veres o que se passa nos dois lados de onde estás. Percebeste ? Se estivesses parado e não andasses para um lado e para o outro só vias o que tivesses em frente do nariz.
- SOLDADO A - Então, já que sabes, vem fazer os cem passos porque é a tua vez.
- SOLDADO B - Mas tu ainda não reparaste que é idiota fazer os cem passos uma estrada aberta para todos os lados ? Vês sempre a mesma coisa, quer estejas no começo, no meio, ou no fim dos teus cem passos. Vai rodando no mesmo sitio, que o efeito é o mesmo.
- SOLDADO A - Idiota ou não. é o regulamento, e se tu não te ralas de passar um dia a descacar batatas, eu ralo-me.
- SOLDADO B - Bem ! Então continua. se isso te dá prazer.

(O SOLDADO A continua a fazer os cem passos regulamentares)

(Entram, da direita, 3 soldados, 2 armados enquadrando 1 desarmado e sem cinturão)

- GUARDA I - Alto !
- SOLDADO A - Vivam ! Até que enfim, passa alguém no estupor desta estrada deserta !
- GUARDA I - Bom dia !
- SOLDADO A - Vocês vêm render-nos ?
- GUARDA I - Antes fôsse !
- SOLDADO A - (Reparando no soldado sem cinturão) - Mas que é isto ? Porque é que vem este sem cinturão e desarmado ?
- GUARDA I - Foi julgado em conselho de guerra esta manhã. Vamos leva-lo ao pelotão .
- SOLDADO A - Fuzilado ?
- GUARDA I - (Abana afirmativamente com a cabeça)
- SOLDADO A - Caramba ! Mas que diabo fez ele ?
- GUARDA I - Foi ontem lá abaixo, à quinta ao pé do rio, obrigou o dono a carregar um barril de vinho num burro e trouxe-o .
- SOLDADO A - E então ?
- GUARDA I - E então, vai ser fuzilado !
- SOLDADO A - Só por isso ?
- GUARDA I - Só por isso
- SOLDADO A - Mas não foi nessa quinta que ante-ontem se requisitou o trigo todo que o homem lá tinha ? Que mais faz um barril de vinho ?
- GUARDA I - Ante-ontem era guerra. Guerra é guerra

- SOLDADO A - E hoje não é guerra ?
- GUARDA I - Hoje é guerra outra vez. Mas ontem foi armistício.
- SOLDADO A - (Com regulamento na cabeça) - Ah!
- SOLDADO B - (Para o SOLDADO A)- Se calhar isso vem no teu regulamento ...

(O SOLDADO A afasta-se como quem vai recomeçar os cem passos. O SOLDADO B, que até aqui continuou sentado, levanta-se)

- SOLDADO B - E para que querias tu o vinho ?
- SOLDADO - Faço hoje anos e queria festejar com a malta .
- SOLDADO B - Um soldado não tem que fazer anos. Tem que fazer feridos e mortos . Ven no regulamento .
- SOLDADO A - Não sei cá se isso vem no regulamento ou não. Só sei que matar um homem por causa dum barril de vinho ...
- SOLDADO B - E matá-lo por coisa nenhuma, que é o que nos pode acontecer a nós se um avião deitar uma bomba lá de cima ?
- GUARDA I - Andando, que estão à nossa espera.
- SOLDADO B - E se o deixassem fugir ?
- GUARDA I - Deixá-lo fugir ? E nós ?
- SOLDADO B - Que mais faz ?
- GUARDA I - Éranos nós os fuzilados !
- SOLDADO A - Se estamos aqui para morrer ...
- GUARDA I - Sempre é melhor morrer doutra maneira.
- SOLDADO B - Outra maneira ! Quando estiveres a morrer, has-de ligar muito à maneira como morres . E depois de ter morrido, então ...
- GUARDA I - Mas eu não estou aqui para morrer !

SOLDADO B - Na guerra ? Estás para viver ?

GUARDA I - Onde quer que esteja esta-se para viver. Mesmo na guerra.

(GUARDA I dá ordem e saem os três.

Um tempo)

SOLDADO A - Mesmo na guerra, esta-se para viver ? Achas ?

SOLDADO B - Mesmo na guerra, pois. Onde quer que se esteja, esta-se para viver. Mas aqui, com a morte à espreita por todos os lados, aqui é que se dá valor à vida.

SOLDADO A - Olha que é triste, morrer por causa dum barril de vinho.

SOLDADO B - Achas que é alegre morrer por outra coisa qualquer ?

(A luz esverdeada do fundo continua, mas focos laterais iluminam maçãs de aço na arvore

Da esquerda entra o Cego, com a sua bengala branca a tactear o chão.

O SOLDADO A, que continua nos cem passos, vem busca-lo para o conduzir.

O SOLDADO B levanta-se para lhe dar o lugar, e ajuda-o tambem.

CEGO - (Sentando-se) - Muito obrigado. Muito obrigado.

SOLDADO A - Então o amigo por aqui, sózinho, a esta hora ?

CEGO - E ainda me falta muito para andar.

SOLDADO B - Mas não tem ao menos, um cão para o guiar ?

- CEGO - Tive ! (Um tempo) Era o cão mais bonito e mais inteligente que havia .
- SOLDADO B - Morreu ?
- CEGO - Não. Foi morto .
- SOLDADO A - Vem andar no mesmo.
- SOLDADO B - Morrer e ser morto não é a mesma coisa. Tu disto não entendes. Não ven no teu regulamento. (Ao CEGO) E agora, como vai fazer ?
- CEGO - Vou continuar a andar sózinho. Já me começo a habituar. Sabe, as pessoas são boas, todos me ajudam ...
- SOLDADO A - (Interrompendo) - Boas ? Não está lá a bondade !
- CEGO - São . Os homens são bons. Sempre que eu quero atravessar a rua, vem alguém e ajuda-me. Se tenho fome, ha sempre quem me dê um pão. Os homens são bons.
- SOLDADO B - Tem razão, amigo, os homens são bons ...
- SOLDADO A - (Discordando) - São, são ...
- CEGO - E são belos ! Os homens, as mulheres, as crianças ! São belos, verdes como a erva dos campos
- SOLDADO A - Isso lá, amigo, já é outra conversa. Que todos somos bons, já que o quer, seja ! Mas verdes ? Ha homens brancos, negros, vermelhos, amarelos ... Verdes é que não ha !
- SOLDADO B - Sabes lá tu de que cor são os homens !
- SOLDADO A - Mau ! Não me verhas com as indomnices do costume ! Tu és branco, eu sou branco, este amigo é branco. Já vi pretos, já vi chireses amarelos e sei que ha indios peles-vermelhas . Homens verdes, não !
- CEGO - Talvez não sejam, então verdes. O que sei eu de cores ? Quando era muito pequeno, ceguei. Foi na Primavera, e só me ficou cá dentro a cor dos prados, das folhas das arvores, do milho a crescer, dos feijoeiros enrolados nas canas! Era tudo tão verde, tão verde ...

- SOLDADO B - (Ao CEGO) - Deixe-o lá amigo. Cada um é que sabe como os outros são. Os outros é que nos vêem ...
- SOLDADO A - Estás-lhe a falar em ver, e ele é cego ...
- CEGO - Sou cego, pois, mas só dos olhos da cara. Sabe lá o que um cego vê ! Vê ouvindo, vê cheirando, vê tateando ...
- SOLDADO A - De dentro ! Para mim ven de fora, de uma grande fortuna que eu herdasse, para ficar muito rico. Isso sim, é que era a minha felicidade
- SOLDADO B - Rico ! Rico ! E que fazias tu ao dinheiro ? Comia-lo ?
- SOLDADO A - Ora ! Ora ! Se eu for rico um dia logo te digo o que faço ao dinheiro ! Hão-de ser bons automoveis, boas mulheres p'ra andar dentro deles ...
- CEGO - E ficará feliz, com isso tudo ?
- SOLDADO B - Cada um é como se faz, amigo, e este está a ficar muito mal feito ...
- CEGO - Não está, não está ! Ele diz isso porque nunca foi rico. Pensa que a felicidade ha-de ser o que não tem ...
- SOLDADO A - E não é ?
- CEGO - E o que ten, não lhe chega ? É jovem, é forte, é belo, é bom ... Pode ter filhos ... Ha lá felicidade maior do que ter filhos, e depois netos, lutar por eles...
- SOLDADO B - Por aí não vai lá amigo. Não o convence. Ele pensa que o dinheiro é melhor do isso tudo ...
- CEGO - Talvez seja, talvez seja . Não posso dizer porque nunca o tive. Mas mesmo que tivesse, o meu cão não voltava a viver.
- SOLDADO A - E então ? Comprava outro ...
- CEGO - Comprava, pois ... Mas era outro. E o que conta é ser aquele. (Um tempo) Tão lindo ! Tão inteligente !

Falava-lhe e entendia-me. Tinha-me tanto amor como se ele fosse uma pessoa - ou como se eu fôsse um cão, que dá o mesmo. O amor, não ha dinheiro que o compre ... E na vida só o amor vale a pena ... (Levanta-se) Bem !
Deixa-me ir andando que se faz tarde .

(O SOLDADO A ajuda-o a levantar-se
segura-lhe o braço para o encaminhar)

CEGO - Muito obrigado ! Muito obrigado ! (Afagando-o na cara) Que belo é ! Verde como cantar das cotovias E os cabelos, verdes como o vento que sopra nos trigais `

SOLDADO A - (Perturbado por aquele murço que desconheço, com um sorriso a disfarçar a perturbação) - Então o vento tem cor ?

CEGO - Tudo tem cor ! É preciso não ver para o saber. Tudo tem cor e tudo é belo. Por isso eu sou tão feliz, porque vejo as cores belas de todas as belas coisas deste mundo ...

(Sai, pela direita, acompanhado pelo
SOLDADO A até abandonar o palco)

(Uma luz clara, levemente amarela
abre-se sobre o fardo. A arvore ilumina-se
tambem e surgem as rosas que se
encastoram no tronco e nos ramos.
Da esquerda entra uma rapariguinha

vestida de claro, leve como se não pousasse os pés no chão. Anda como quem dança e canta, mas sem dançar nem cantar: apenas leves movimentos ritmicos)

SOLDADO A - (Que, nos seus cem passos, está à direita, vê-a quando se volta) - Olá, Jaquelina !

(A RAPARIGA continua, como se não o ouvisse. Passa pelo SOLDADO A e prossegue o seu andar em ritmo de dança)

SOLDADO A - (Chamando-a)- Jaquelina ! Jaquelina !

(A RAPARIGA vai quasi a sair pela direita
O SOLDADO A corre e agarra-a por um braço, sempre chamando)

SOLDADO A - Jaquelina ! Jaquelina ! (Agarrando-a) Tu não ouves, rapariga ? Estou a chamar por ti !

RAPARIGA - (Parando) - Tu estavas a dizer Jaquelina ...

SOLDADO A - Estava a dizer Jaquelina porque estava a chamar por ti. Como diabo queres tu que eu te chame ?

RAPARIGA - (Em sonho) Eu sou Joana ...

SOLDADO A - Qual Joana, qual diabo ! Então eu não te conheço ?
Não vou todas as noites à taberna do teu pai beber um copo ?

RAPARIGA - (Sempre em sonho) Eu sou Joana ...

SOLDADO B - (Para o SOLDADO A) - Deixa homem ! Talvez ela seja Joana .

- SOLDADO A - Oh rapariga ! Não me ponhas maluco ! Tu não és a Jaquelina ?
- RAPARIGA - Eu sou Joana ... (Como acordando) - Logo quando me pedires para te servir o teu copo de vinho, então sou Jaquelina.
- SOLDADO A - Mas no registo como é que te chamas ?
- RAPARIGA - Não sei de registos ...
- SOLDADO B - (Para o SOLDADO A) - Tu achas que as pessoas são os nomes que lhes põem nos registos ?
- SOLDADO A - (Violento, quasi gritando) - Acho ! Pois claro que acho ! Eu fui registado Antonio. Sou Antonio. Sou Antonio, sempre fui Antonio e sempre hei-de ser Antonio até ao fim da minha vida !
- RAPARIGA - Talvez tu sejas realmente Antonio ...
- SOLDADO B - Vês ? Calhou-te no registo o nome que tu és ...
- SOLDADO A - Oh gente doida ! (Para o SOLDADO B) Tu não comeces p'rai com as coisas do costume ! Não me venhas com alguma historia como a da cor do vento e dos homens verdes !

(Um obus assobia no ar)

- SOLDADO A e SOLDADO B - (Ao mesmo tempo à RAPARIGA, enquanto se atiram para o chão) - Deita-te, que vem aí a metralha ! Agacha-te, rapariga, que esta pode vir para cá !
- RAPARIGA - (Continua de pé, olhando para cima) - Gosto destas flores azuis que passam no céu !
- SOLDADO A - Quais flores azuis, qual cabaça ! Não bombas, rapariga ! Tu és maluca ! O raio da rapariga é maluca !
- RAPARIGA - (Como quem canta, mas sem cantar, ritmando com o corpo) Flores azuis que passam no céu ... Flores azuis que passam no céu ...

(Continua a repetir enquanto o SOLDADO A e o SOLDADO B falam)

- SOLDADO A - (levantando-se) - Cala-te maluca !
- SOLDADO B - (tentando compreender, dirige-se à RAPARIGA, mansamente)
- Que ideia é essa de chamares flores aos obuzes ? Tu não sabes que são obuzes e não são flores ?
- RAPARIGA - (Em sonho) - Flores azuis que passam no ceu ... Flores azuis que passam no ceu ...
- SOLDADO B - (Sempre mansamente) - Olha ! Ainda ha bocado, de onde tu vers, cairam duas granadas. Devcs ter encontrado gente morta, casas a arder ...
- RAPARIGA - (Que pára de cantar, mas sempre em sonho) - Quando eu vim para cá vi deitado na estrada um rapaz loiro, a olhar para o ceu. Tirha tirado os olhos para ver melhor ...
- SOLDADO A - (Num impeto, sem compreender) - Tirado os olhos ? Ninguem tira os olhos para ver melhor ! Os olhos não se podem tirar rapariga ! Estava morto ! Foi a bombe que o matou !
- RAPARIGA - (Continua, como se não ouvisse) - Ao lado estava outro rapaz, muito loiro, com uns olhos azuis muito azuis, tambem deitado a olhar para o ceu ... (Um tempo) Tinha uma linda florv vermelha sobre o coração . (Ritmando, enquanto sai) Linda flor vermelha sobre o coração ...
- SOLDADO A - É demais ! Esta rapariga troca tudo ! (Vai a chamá-la)
- Ouve cá, Jaquclina, Joana ou como diabo te chanas !
- SOLDADO B - Deixa-a. É melhor para ela assim.
- SOLDADO A - (Ainda sem compreender) - Mas ela não sabe que os

rapazes estão mortos ? E que a flor vermelha é a farda ensopada em sangue ?

SOLDADO B - Talvez não saiba. Ou talvez queira não saber ...

A luz do fundo volta a esverdear.
De novo, em contra luz, a arvore,
negra e sem flores nem frutos)

SOLDADO A - Mas que saiba ou que não saiba, foi bonito o que ela disse da flor sobre o coração.

SOLDADO B - Foi bonito mas não é verdade .

SOLDADO A - Ora ! Tu é que disseste bem. É melhor para ela assim .

SOLDADO B - Para ela, com certeza. Mas a gente não pode andar no mundo a ver as coisas como não são. Somos homens, não somos turistas .

SOLDADO A - (Para mudar de assunto, batendo os pés) - Está bem, está bem ! Sabes o que te digo ? Que está um frio dos diabos ! E sabes do que eu gostava agora ? De um bagaço ! Mas um bom bagaço verdadeiro e uma boa lareira, e depois uma boa cama. Sabes há quanto tempo a gente não se deita numa cama verdadeira, com lençóis verdadeiros, numa quarto verdadeiro ?

SOLDADO B - Já nem sei ! E ainda se a gente tivesse a certeza de um dia vir a dormir numa cama ...

SOLDADO A - É mesmo assim. Aqui, não se tem a certeza de nada. Se rebenta uma bomba, pronto, Estamos quilhados . E definitivamente !

- SOLDADO B - Sim. Definitivamente, como tu dizes. E pode ser amanhã, daqui a uma semana, daqui a um mês - ou já, enquanto estou a falar .
- SOLDADO A - Bah ! Sempre temos de morrer . É a única coisa certa que há. E mais vale morrer aqui, sem termos consciência disso.
- SOLDADO B - Sem termos consciência de porque morremos, dizes bem. Se morreres agora, de um estilhaço, com a espingarda às costas, sabes ao menos porque é que morres ?
- SOLDADO A - Ah! Isso sei ! Morro porque estamos em guerra.
- SOLDADO B - Tu estás em guerra ? Quem é o teu inimigo ?
- SOLDADO A - Bom ! Há guerra, se te dá mais jeito. E na guerra é assim que se morre: de pé e com a espingarda às costas .
- SOLDADO B - Guerra ! Guerra ! Tu pensas que podia haver guerras sem soldados ?
- SOLDADO A - Bom, bom ! Isso é verdade, mas não devem dizer-se essas coisas porque estamos em guerra. E contra a guerra não podemos nada .
- SOLDADO B - Contra esta guerra, não, não podemos nada. Mas talvez possamos contra as que estão para vir .
- SOLDADO A - Pois sim ! Pois sim !
- SOLDADO B - (Com energia) Sim, sim ! Talvez que se todos dissermos o que deve ser dito, talvez não haja mais guerras.
- SOLDADO A - E quem ha-de dizer essas coisas que devem ser ditas ?
- SOLDADO B - Toda a gente (Um tempo) Eu, por exemplo.
- SOLDADO A - (Com um espanto desdenhoso) - Tu ? Tens coisas para dizer ?
- SOLDADO B - (Afirmativo) Sim ! Tenho coisas para dizer, eu !

- SOLDADO A - Ha-de valer muito o que tens para dizer.
Tu que és tão pobre ?
- SOLDADO B - Sou pobre porque tenho muitas coisas para dizer. Se não tivesse nada para dizer, era rico.
- SOLDADO A - Isso é muito complicado para mim.
- SOLDADO B - Os ricos não têm nada para dizer: só têm para fazer. Apanham o dinheiro do chão porque os pobres, como têm muitas coisas para dizer, pensam tanto no que têm para dizer que são muito distraídos e esquecem-se de apanhar o dinheiro e de o meter nas algibeiras.
- SOLDADO A - Mas os pobres têm dinheiro ? Então não são pobres ?
- SOLDADO B - Sim ! Os pobres têm tanto dinheiro como os ricos, porque todo o dinheiro que ha no mundo, e todo o sol, e toda a agua de todos os mares, e todas as batatas, e tudo, tudo, tudo, pertence a todos os homens. Mas os pobres não agarram no que lhes cabe, É só isso .
- SOLDADO A - Então é facil ser rico ! Nunca pensei !
- SOLDADO B - Não. Não é facil. É que se tu comesças a apanhar o dinheiro que está no chão, tens de te curvar, o sangue sobe-te à cabeça e morres com uma congestão. Só os que não têm nada a dizer podem abaixar-se sem o risco da congestão, porque têm a cabeça vazia. É por isso que são ricos.
- SOLDADO A - (Curvando-se varias vezes) - Então posso ficar rico !
Vê ! Abaixo-me, não sinto nada na cabeça, não me arrisco a uma congestão.
- SOLDADO B - Claro ! Se não tens na cabeça nada para dizer, não te arriskas a uma congestão.

- SOLDADO A - E o que é que eu poderia ter para dizer ?
- SOLDADO B - O que tivesses para dizer.
- SOLDADO A - Por exemplo ?
- SOLDADO B - Não ha exemplos. A gente tem coisas para dizer, ou não tem.
- SOLDADO A - Mas tu, tens alguma coisas para dizer ?
- SOLDADO B - Tenho.
- SOLDADO A - O quê ?
- SOLDADO B - Muitas coisas .
- SOLDADO A - Dize lá uma, para eu ver como é.
- SOLDADO B - Se começo, nunca mais acabo.
- SOLDADO A - Mas começa, e depois pára logo. Só para eu ver como é.
- SOLDADO B - (Que está sentado no muro, a comer um pão, olha para o pão, depois em volta, devagar) - Pão para toda a gente. Luz para toda a gente. Esperança para toda a gente.

(Um tempo)

- SOLDADO A - Acabaste ?
- SOLDADO B - Não. Comecei. Mas disseste para eu parar logo eu parei.
- SOLDADO A - (Dá uns passos, a procurar entender, mas não entendeu)
- E para que serve isso que tu disseste ?
- SOLDADO B - Para nada, porque é preciso ter tambem coisas a dizer para compreender as coisas que os outros dizem.
- SOLDADO A - E se eu compreendesse ?
- SOLDADO B - Eramos dois a dizer a mesma coisa.
- SOLDADO A - E depois ?
- SOLDADO B - Depois mais dois nos compreenderiam e seriamos quatro a dizer a mesma coisa.
- SOLDADO A - E depois ?

- SOLDADO B - Depois haveria quatro que nos compreenderiam e seríamos oito a dizer a mesma coisa.
- SOLDADO A - E depois ?
- SOLDADO B - Depois haveria oito que nos compreenderiam e seríamos dezasseis a dizer a mesma coisa.
- SOLDADO A - E depois ?
- SOLDADO B - Sabes o que é a progressão geométrica ?
- SOLDADO A - Não.
- SOLDADO B - Dois e dois, quatro e quatro, oito e oito, dezasseis e dezasseis, trinta e dois ...
- SOLDADO A - Vai depressa, a tua progressão !
- SOLDADO B - Sim, vai depressa. O ponto é começar.
- SOLDADO A - E depois ?
- SOLDADO B - Depois, o quê ?
- SOLDADO A - Depois de trinta e dois ?
- SOLDADO B - Quando fossemos trinta e dois outros trinta e dois nos compreenderiam e seríamos sessenta e quatro, depois outros sessenta e quatro nos compreenderiam e seríamos cento e vinte e oito ...
- SOLDADO A - (Interrompe) - Pára, c'os diabos ! Tica tudo dentro, se não páras !
- SOLDADO B - Sim. Tudo ficará dentro, como tu dizes.
- SOLDADO A - Ná ! Tu estás a falar sózinho porque eu não te compreendo, e a tua progressão geométrica não vai longe.
- SOLDADO B - Vai, sim, vai longe. Não vai contigo, mas vai com outros.
- SOLDADO A - E para que é que serve ?
- SOLDADO B - Para que é que serve o quê ?

SOLDADO A - Para que é que serve ir com os outros ?

SOLDADO B - Serve para se caminhar juntos .

SOLDADO A - E para que serve caminhar juntos ?

SOLDADO B - Os homens devem caminhar juntos.

SOLDADO A - Para ir onde ?

(O SOLDADO B levanta-se. Dá uns passos enquanto o SOLDADO A o segue com o olhar, à espera da resposta)

SOLDADO B - (Parando no outro extremo do palco) - Para ir aonde, dizes tu ?

(A luz enfraquece gradualmente. Se o SOLDADO A chegou a responder à pergunta, o público não ouviu a resposta porque estavam tão perto)

